

**COLÉGIO PEDRO II**  
**LICENCIATURA INTEGRADA EM FILOSOFIA**

**RAVEL PAULO TEIXEIRA MONTEIRO**

**O NEGRO E A PSICANÁLISE: UMA PROPOSIÇÃO A PARTIR DE**  
**FANON E FREUD**

**RIO DE JANEIRO**

**2024**

**RAVEL PAULO TEIXEIRA MONTEIRO**

**O NEGRO E A PSICANÁLISE: UMA PROPOSIÇÃO A PARTIR DE  
FANON E FREUD**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido  
ao Colégio Pedro II para obtenção do grau  
de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Antonio da Costa

**RIO DE JANEIRO**

**2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ficha catalográfica elaborada por Suria Braga Alves (CRB7  
nº6490), bibliotecária do Colégio Pedro II, Campus  
Realengo II.

M775n

Monteiro, Ravel Paulo Teixeira

O negro e a psicanálise: uma proposição a partir de Fanon e Freud /  
Ravel Paulo Teixeira Monteiro – Rio de Janeiro: [s.n.], 2024.  
24 p.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Antonio da Costa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Colégio Pedro II, Curso  
de Licenciatura em Filosofia.

1. Psicanálise. 2. Negro - Brasil. 3. Freud, Sigmund. 4. Fanon, Frantz  
I. Costa, Fábio Antonio da (Orientador). II. Colégio Pedro. III Licenciatura  
em Filosofia. IV. Título

CDD 150.195

RAVEL PAULO TEIXEIRA MONTEIRO

**O NEGRO E A PSICANÁLISE: UMA PROPOSIÇÃO A PARTIR DE  
FANON E FREUD**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido  
ao Colégio Pedro II para obtenção do grau  
de Licenciado em Filosofia.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Fábio Antonio da Costa - Colégio Pedro II

---

Prof. Dr. Germano Nogueira Prado - Colégio Pedro II

---

Prof. Dr. Renan da Rocha Cortez - Colégio Pedro II

---

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024

RIO DE JANEIRO

2024

## **Resumo**

Este artigo tem por objetivo a explicitação da estrutura de racialização a partir de Fanon e Freud. A análise do par conceitual assimétrico (branco-negro) é decisiva para o entendimento dos meandros psíquicos dos sujeitos envolvidos na estrutura. Privilegiando aspectos psicanalíticos e antropológicos, haverá a possibilidade de gerar uma compreensão ampliada sobre a subjetivação dos sujeitos reificados pelo processo de racialização compulsória. Tanto reificados quanto reificadores, são atravessados por anomalias afetivas que se utilizam do complexo racial.

Palavras-chave: Freud; Fanon; racialização; estrutura; psicanalíticos

## **Abstract**

This article aims to elucidate the structure of racialization based on Fanon and Freud. The analysis of the asymmetrical conceptual pair (white-black) is crucial for understanding the psychic intricacies of the subjects involved in the structure. By privileging psychoanalytic and anthropological aspects, there will be a possibility of generating a broader understanding of the subjectivation of individuals objectified by the compulsory process of racialization. Both objectified and objectifiers are traversed by affective anomalies that make use of the racial complex.

Keywords: Freud; Fanon; racialization; structure; psychoanalytic

## Sumário

<b>1 Introdução .....</b>	<b>8</b>
<b>2 A linguagem: Fanon e a língua, diálogos Freud e Fanon .....</b>	<b>8</b>
<b>3 Casos Capécia .....</b>	<b>16</b>
<b>4 Caso Veneuse .....</b>	<b>18</b>
<b>5 O trauma .....</b>	<b>19</b>
<b>6 Considerações Finais .....</b>	<b>22</b>
<b>Referências .....</b>	<b>22</b>

## **1 Introdução**

A emissão de juízos a partir do fenótipo do sujeito ou dos grupos é velada por um teor abstrato, como se o negro e o branco fossem algo para além da realidade. Não é uma inverdade que esse par tenha lugar para além da realidade material, podendo ser analisada em sua dimensão psicológica. Fanon, ao tratar do processo dialógico de composição das subjetividades, concebe o lugar da racialização para formação dos sujeitos. O negro e o branco se comportam como opostos, e as consequências desta oposição são tão diversas quanto os próprios sujeitos. O par conceitual assimétrico preto-branco é fundamental para o entendimento da estrutura de racialização proposta por Fanon, em seu caráter mais complexificado, no que tange à formação das identidades e dos modos como estrutura-se o par nas sinuosas curvas da psique humana.

Ao explorar a subjetivação dos sujeitos expostos às consequências da colonização, é possível notar as trocas de posições em função da manutenção de uma economia psíquica. Entende-se que as trocas derivam de uma posição inicial, o negro para o branco está negativado, logo, ele carrega em si a pura oposição às valências do branco, e disto advém um regozijo na manutenção da posição. Contudo, por vezes, o branco se vê negativado, quando a ele é requerido uma valência já imputada ao preto. Já para o preto que se vê negativado, pois suas valências há muito foram rebaixadas, o processo será de tentar positivar suas valências ou alcançar o branco a partir da negação da sua cor: negando a cor nega-se todo arcabouço cultural que a acompanha. Assim, será realizada uma suposta positivação, com um “pequeno” empecilho que será a constatação de sua cor pelos outros sujeitos. Neste contexto, negro e branco rumam à interioridade e assumem papéis diversos e enigmáticos.

Trabalha-se com a hipótese de que no nível pré-consciente estão os fraseados que autorizam o tratamento perverso em relação ao negro. Para além, coloca-se a suposição de que no processo de inscrição do conceito de negro na psique, será possível verificar o uso do marcador fenotípico como aparato sintomatológico de certas neuroses. A neurodiversidade torna a inscrição da ideia de negro enigmática, pois diversos fatores anteriores ao aparecimento da categoria na vida dos sujeitos, serão decisivos para dar o caráter desta inscrição. Também, pretende-se mostrar que branco e negro perfazem um par antitético assimétrico, ou seja, uma estrutura. A existência de tal estrutura pode ser justificada a partir de Freud e explicitada por Fanon.

## **2 A linguagem: Fanon e a língua, diálogos Freud e Fanon**

Para dar prosseguimento à investigação, apontaremos para o que é a relação primeva, esta dará conta de exortar a ligação que se pretende explicitar entre Freud e Fanon. Factualmente, esse aspecto irá instaurar um processo de diálogo prático-teórico e metodológico entre os autores supracitados.

Há lugar para a concepção ontogenética ao lado da filogenética, mais abrangente. Pois já no nascimento o indivíduo inteiro é destinado a morrer, e talvez os seus órgãos já contenham a indicação daquilo de que morrerá. Mas sempre interessa acompanhar como esse programa inato é executado, de que maneira danos ocasionais tiram proveito da predisposição (Freud, 2016, p. 184)

Freud, ao introduzir a ontogenia, coloca luz sobre os processos relacionais que ocorrem entre o inato, próprio da filogenia, e as maneiras como os acidentes afetarão o desenvolvimento do sujeito. Quando tange os aspectos sociais que implicarão no desenvolvimento das subjetividades, ele oferece um interessante *hall* argumentativo, ao indicar, como os dilemas próprios do processo de reificação, que inundam os sujeitos cristalizados em suas supostas essências, serão decisivos na composição subjetiva de mistificadores e mistificados: respectivamente, aqueles que mistificam por assumirem a posição de impor um processo, no qual o sujeito torna-se indistinguível de uma caracterização metafísica, e aqueles que são atingidos por esse processo, logo, dotados de valências que transcendem o próprio sujeito. Apesar das indicações dadas por Freud, o autor não leva às últimas consequências os avassaladores efeitos das estruturas justificativas, as quais o mesmo não concebe enquanto estruturas, mas como resíduos ou traços. Tais estruturas repousam no solo social, nos aspectos pragmáticos-linguísticos.

A empreitada de Fanon faz parte de uma corrosão das possibilidades da psicanálise clássica. Aponta-se a lupa para certos sujeitos, nota-se, claramente, a insuficiência dos sistemas pré-moldados. Aqui, é possível encontrar o problema da oposição entre constitutivo e accidental, para o martinicano, não há patologia constitutiva ou típica do negro. Se, para Freud, a concepção filogenética se mostrava escassa, para Fanon, a ontogenia também passou pelo mesmo processo. A questão do negro exhibe novos desafios, existe a necessidade de uma interpretação holística. “Veremos que alienação do negro não é uma questão individual. Além da filogenia e da ontogenia, existe a sociogenia” (Fanon, 2020, p. 25)

O par conceitual preto-branco funciona como categorias, elas são reificadas por sua gênese e dinâmicas culturais esquecidas. O par impõe sobre todo escopo social um peso enorme. Escoramo-nos no que é considerado, por Fanon, o mais basal. A aderência a uma língua é ter que, irremediavelmente, assumir o peso de uma cultura. O negro colonizado desde

a infância estará cercado pelo branco. Na escola será educado na língua do colonizador, será repreendido quando usar o dialeto de sua terra em situações formais, lerá e assistirá as obras ficcionais provenientes da metrópole, com encantamento infantil. Estará embebido da cultura do seu algoz. Fanon mostrará que mal conseguirá o distinguir de si. Pelo branco será tratado como uma criança indisciplinada que não aprendeu corretamente a boa e velha educação do velho continente. Ao utilizar a experiência de um martinicano negro que vai à França e volta ao seu país natal, para expor o furor psíquico que o contato com o mundo branco causa, o autor demonstra o impacto da linguagem na estrutura da racialização.

Fanon também realiza uma crítica arrojada e objetiva sobre o uso da língua francesa pelos martinicanos. Crítica essa que possui magistral serventia aos povos colonizados. A fala culta funciona como uma primeira tentativa de blindagem, em resposta aos ataques do branco. O objetivo de tornar-se branco passa por um hercúleo esforço de domínio da cultura européia. Contudo, mais uma querela se instaura, para além da ruptura abrupta com o suposto “primitivismo”, há também o posterior confronto com o mesmo: a família, os amigos, a terra, já não lhe reconhecem. Este confronto amiúde rende anomalias afetivas.

Muitos antilhanos, após uma estada mais ou menos longa na metrópole, retornam para ser consagrados. Em relação a eles, o nativo, aquele que nunca saiu da toca, o “bitaco”, adota a forma mais eloquente de ambivalência. O negro que por algum tempo viveu na França retorna radicalmente transformado. Falando em termos genéticos, diríamos que seu fenótipo sofre uma metamorfose definitiva, absoluta. (Fanon, 2020, p. 33)

Para clarificar o conteúdo desta investigação, tentaremos maximizar as possibilidades de entendimento a respeito do complexo da racialização e suas consequências. Há como pensar os processos de internalização do par branco-negro. Façamos isso, pois Fanon tem ciência de que sua investigação tinha como objetivo máximo a desalienação do negro e do branco. Tanto o negro ensimesmado no ideal de negritude, quanto o negro que tenta a todo custo o embranquecimento, recaem na mesma armadilha. O branco que se vangloria da sua proximidade com a ideia de humano, também será atravessado por uma série de anomalias afetivas. A maior delas, trata da castração de tudo que foi imputado por ele mesmo ao preto. “Para nós, quem adora os negros é tão “doente” quanto quem os execra.” (Fanon, 2020, p. 22). Concebemos como um complexo de racialização ou estrutura de racialização, pois não se trata de categorias estanques, mas de um par conceitual, um par antitético, de caráter assimétrico, porque um é positivado e o outro é negativado. É uma estrutura também porque determina a posição relacional dos sujeitos.

Freud, nos dá indícios da localização do par (negro-branco). Vejamos como é possível aproximá-lo dos escritos de Fanon. As falas cotidianas, os adjetivos vinculados aos sujeitos

negros, os olhares, os gestos de desaprovação e aprovação, são parte do que Freud chama de traços ou resíduos mnemônicos, localizados pelo mesmo no pré-consciente. “Como algo se torna pré-consciente? E a resposta seria: pela ligação com as representações verbais correspondentes.”(Freud, 2011, p. 17). Assume-se a descrição topológica freudiana, que realizou a divisão entre inconsciente, pré-consciente e consciente, e a divisão dos dispositivos psíquicos Id, Ego e Superego. Contudo, não estamos em absoluta consonância com Freud, tendo em vista que, o psicanalista austríaco não concebe que uma constelação de resíduos forme uma galáxia. Em outras palavras, que a composição de redes de traços mnemônicos seria capaz de formar projeções de estruturas justificativas acessíveis. O contexto sociocultural viabiliza as estruturas, para que a partir da racionalização, o ego acesse uma das estruturas disponibilizadas, para assim, dar cabo de alguma demanda libidinal. A memória óptica e auditiva de infinitas representações ordinárias do negro e do branco, será o caminho de inscrição do par conceitual na psique.

As estruturas justificativas são dadas pelos fraseados inscritos no pré-consciente. É necessário acrescentar que as trocas fonéticas têm sentido mais profundo. Em *Sobre o sentido antitético das palavras primitivas*, um apêndice da obra *Interpretação dos sonhos*, Freud (2013, p. 1), indica a ambivalência dos termos antagonônicos no âmbito onírico. Segundo ele, os sonhos têm por preferência a combinação dos opostos, assim, compondo uma unidade. Para além, o “não” inexistente nos sonhos. Na resolução da problemática, aborda o fato de que na origem das línguas, versões primitivas da codificação atual, sem dificuldades eram encontradas; “um número considerável de palavras com dois sentidos, em que um é o exato oposto do outro” (Freud, 2013, p. 1). A partir de estudos da filologia, Freud demonstra os resquícios desta semântica ambígua na linguagem contemporânea: “Abel chama atenção para outros vestígios de antigos esforços de pensamentos. Ainda hoje um inglês diz, para designar “sem”, *without*, ou seja “comsem”, e um prussiano oriental faz o mesmo” (Freud, 2013, p. 3), ele destaca diversos exemplos deste mesmo fenômeno. Por tal perspectiva, confirma-se o caráter regressivo da expressão de pensamentos nos sonhos, tendo em vista, que, com frequência, as crianças brincam invertendo o som das palavras. Nos sonhos, já não serão mais as letras que serão invertidas, mas sim as imagens (Freud, 2013, p. 4). Pode-se intuir que, o par conceitual assimétrico negro-branco, quando se encontra em âmbito onírico é operado como qualquer outro antagonismo, alçado a positivação. Por positivação, aqui deve ser entendido aquilo que tem caráter de pura e simplesmente posto. A valência de cada um dos termos do par: bom, ruim, certo, errado, ou bem pode ser suspensa, ou bem pode ser invertida. O seu caráter sexual, maligno e selvagem não mais se volta contra o sujeito em

modo repressivo, pode operar tanto com a meta do id quanto com as demandas do Superego. O Superego também faz parte do inconsciente e pode operar nos sonhos. O Superego também censura e distorce os sonhos. Os casos de mulheres negrófobas, presentes na investigação de Fanon (2020, p. 172) elucidam por quais meios o antagonismo das categorias negro e branco e, principalmente, o seu caráter regressivo perverso, irão encontrar terreno fértil para se acoplar as previamente moldadas engrenagens neuróticas dos sujeitos. Esse acoplamento somente é possível porque, em sendo uma estrutura perversa, o par branco-negro se presta ao papel de negativo da neurose. Como bem mostrou Freud nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (2016, p. 63). A perversão é o negativo da neurose não como recusa ou anulação, mas como imagem invertida, como o negativo de uma fotografia. A perversão é o fantasma da neurose. Vale acrescentar que as neuroses são sempre regressivas, ou seja, retornos ao estado infantil. Logo, ao lado da negatificação, coloca o outro como não humano, semi-humano, infantilizado e incapaz de autonomia. Do lado da positificação, está uma hiperinflação do complexo narcísico. Esse par opera regressivamente em brancos e negros, funcionando como orgulho e desprezo de identidades.

A preocupação sexual predomina nesse caso. Todas as mulheres negrófobas que conhecemos tinham uma vida sexual anormal. Seus maridos as abandonaram; eram viúvas e não ousaram substituir o finado; estavam divorciadas e hesitavam diante de um novo investimento objetual. Todas dotavam o negro de poderes que outros (maridos, amantes episódicos) não possuíam. E então intervém um elemento de perversidade, persistência da estrutura infantil: sabe Deus como eles fazem amor! Deve ser assustador. (Fanon, 2020, p. 172)

Freud, em *O Eu e o Id* de 1923, realiza a divisão: consciente (*cs*) e inconsciente (*ics*), contudo, uma lacuna deve ser preenchida para que a dinâmica psíquica seja descrita com maior exatidão, é necessária a identificação distintiva entre o que é reprimido, logo inconsciente, e o que estaria em estado de latência, logo passível de tornar-se consciente. Esta lacuna será preenchida pelo pré-consciente (*pcs*). Segundo ele, o pré-consciente está muito mais próximo do consciente (*cs*) do que do inconsciente. (Freud, 2011, p. 13). Como dito, anteriormente, os fraseados constituem o pré-consciente (*Pcs*), estas representações verbais derivam de percepções externas (sensoriais), que se comunicam com percepções internas (pensamentos/sentimentos). Freud nomeou de “sistema percepção consciente” (*Pcp-Cs*), a dinâmica de apreensão primária do mundo exterior em conjunto com os pensamentos e sentimentos.

O dispositivo pré-consciente (*pcs*), e sua interação na economia psíquica, é capaz de nos conceder um profundo entendimento sobre a diversidade de modos como branco e negro relacionam-se com o processo de racialização dos sujeitos. O negro em forma de traços

mnemônicos é introjetado e interage com as predisposições psíquicas, esta interação caracteriza a singularidade disposicional da inscrição do par assimétrico branco-negro, sempre movendo-se (positivo-negativo) no processo de relação entre as estruturas psíquicas do sujeito e as estruturas justificativas (pcs).

Para Freud, a importância do Eu irá se expressar no controle do acesso à motilidade, funcionará como um sistema de freios, com a especificidade de sua força ser emprestada do Superego. O Id com seu habitual descontrole irá mobilizar um grande montante de energia libidinal em direção à sua meta, cabendo ao Eu coordenar os freios e contrapesos. Contudo, o “Eu costuma transformar em ato a vontade do Id, como se ela fosse a sua própria” (Freud, 2011, p. 23). Freud usa a analogia do cavalo e do cavaleiro para mostrar que o Id tem uma força superior, mas isso não impede o Eu de tentar domá-lo.

Se buscamos uma representação gráfica, podemos acrescentar que o Eu não envolve inteiramente o Id, mas apenas à medida que o sistema Pcp forma a sua superfície [do Eu], mais ou menos como o “disco germinal” se acha sobre o ovo. O Eu não é nitidamente separado do Id; conflui com este na direção inferior. (Freud, 2011, p. 22)

A pergunta que nos interessa é: o que é o negro no nível pré-consciente? Já colocamos, anteriormente, que o complexo racial se relaciona com outros dispositivos psíquicos, embarcado no pré-consciente, como estrutura justificadora. Então, será a relação do Eu/Superego com Id que irá sintetizar o modo como a demanda libidinal irá interagir com o pré-consciente. Se o objetivo do Id é realizar sua vontade, e os freios e contra pesos não o reprimirem suficientemente, será nas estruturas justificadoras, como o complexo racial, que essa demanda libidinal encontrará terreno fértil. Exemplo: Uma pessoa nasce e vive em um país com passado colonial, mas que em 2024 a legislação enquadra racismo como crime. Se a composição colonial da imagem e retórica sobre o negro ainda é a mesma ou mantém muitos resquícios de colonialidade, estará em jogo a querela entre a força das representações (pré-consciente) e a força das leis e da cultura (Superego/Eu). O resultado disso irá depender de como a economia psíquica fará o balanço das forças. É necessário acrescentar que a cultura também estrutura o pré-consciente. A cultura não é uniforme, coerente: na mesma medida em que a lei que proíbe, o racismo integra a cultura, frases e imagens racistas também o fazem. Há uma evidente dissonância.

É fácil ver que o Eu é a parte do Id modificada pela influência direta do mundo externo, sob mediação do Pcp-Cs, como que um prosseguimento da diferenciação da superfície. Ele também se esforça em fazer valer a influência do mundo externo sobre o Id e os seus propósitos, empenha-se em colocar o princípio da realidade no lugar do princípio do prazer, que vigora irrestritamente no Id. (Freud, 2011, p. 23)

A resolução dada pela economia psíquica influenciará fortemente na formação das subjetividades. Negro e branco estão reificados, de alguma forma o sujeito tentará ao seu

modo reencontrar as representações distintivas das raças, a partir do exame da realidade. Não importa se os objetos correspondem na realidade ao sujeito que existe enquanto negro ou branco, o que importará é convencer-se de que o objeto reificado ainda existe. Freud em seu escrito *A negação* (2011) pontua: “A meta inicial e imediata do exame de realidade não é, portanto, encontrar na percepção real um objeto correspondente ao imaginado, mas sim reencontrá-lo, convencer-se de que ainda existe”. Quando um negro foge das suas supostas pré-disposições seria prudente que o objeto (negro) fosse revisitado e modificado, como ocorre com outros objetos. Contudo, este possui resistência. Para Freud, o papel do exame da realidade está atrelado à avaliação da condição atualizada do objeto, “mas reconhecemos, como precondição para que se instaure o exame da realidade, a perda de objetos que um dia proporcionaram real satisfação” (Freud, 2011, p. 253). O exemplo supracitado de uma pessoa que nasce e vive em um país com passado colonial, nos ajuda novamente. A lei nega a possibilidade do racismo. Contudo, a própria cultura fornece respaldos para o racismo. Há uma dissonância. O mecanismo do par conceitual branco-negro está no conteúdo valorativo que preenche cada termo do par. Mesmo que a lei diga não, no fundo nem o negro consegue seguir a lei, por ser mais impulsivo, por ser intelectualmente mais primitivo, por ser menos instruído. Ou seja, em todas as frases usadas, o negro é um quase não humano, por ser *infantil*. Este é o fundo cultural que permanece autorizando este tipo de exame da realidade. Que, no fundo, todo negro seja infantil, por mais casos que se ofereça contrários a isso, o inconsciente procurará indícios justificadores. Esse comportamento é reiterado, a despeito das provas contrárias dadas pela realidade, porque, sendo a perversão a sombra da neurose, seria ela para o neurótico o reencontro do seu estado paradisíaco narcísico. No caso do sujeito propriamente perverso, os indícios justificadores são oportunidades, ocasiões de menor resistência para que o perverso mesmo coloque a sua própria lei, diga o que o outro é ou não é. Ainda que o perverso seja desprovido de necessidades íntimas de justificação, pode até contar com o neurótico como a boca que profere para ele uma justificativa, ou seja, o neurótico como cúmplice do perverso.

Para Fanon, o negro nasce aprisionado, pois é “vítima eterna de uma essência” (Fanon, 2020, p. 49). O arquétipo do negro é o invólucro tão combatido. Se existe um âmbito último e mais elevado de libertação, esse seria a libertação dos arquétipos, tendo em vista que o autor demonstrará como esse profundo corte no fenômeno da subjetivação torna-se crasso nas demandas libidinais no interior da estrutura econômico-psicológica desses indivíduos. Disto não pode ser derivado que o branco não tenha um invólucro. O que é, necessariamente, distinto é o poder restritivo de cada arquétipo. Ao branco é disponível uma maior modulação

no horizonte de possibilidades. Em outras palavras, se o negro está acorrentado ao chão em uma cela minúscula, o branco anda, dorme e se alimenta em sua cela com janela e latrina.

Como dito, anteriormente, a capacidade de acesso às estruturas justificativas é parte do processo mantenedor de uma economia psíquica. Então, é primordial entender o caminho até as estruturas justificativas. Se a estrutura está à disposição, é a circulação da libido que dará o caráter do acesso. Tanto para o negro quanto para o branco, a linguagem será decisiva, ela ditará pela interação entre os dispositivos psíquicos quem estará positivado e quem estará negativado. Adiante, deixaremos mais claros os motivos pelos quais a negatificação do branco e a positivação do negro, se apresenta mais frequentemente do que o senso comum tende a conceber.

Fanon, ao abordar a questão do negro na França, traz à baila o dilema da subjetivação negra: pensar as consequências do contato com o branco nos aspectos mais íntimos. Ao descrever a experiência de diversos negros que tentaram se encaixar no contexto sócio-cultural francês, a partir do domínio sobre a língua e do conhecimento literário, deparou-se com o problema da infantilização. “Dirigindo-se a um negro, o branco se comporta exatamente como um adulto diante de um menino e desata a falar com sorrisos afetados, cochichos, afagos e mimos” (Fanon, 2020, p. 45) . Ao falar ou ser interpelado em *petit-nègre*<sup>1</sup> o sujeito é rebaixado, sua cor que já era notada por todos, agora está absolutamente exposta ao próprio sujeito, a repressão agora recai sem nenhum atenuante. Se a função primária do superego é a repressão, e a repressão tem como base as formas de resolução do complexo de Édipo e posteriormente os valores em voga no contexto cultural, está posto que, o superego do negro colonizado é branco. É importante frisar que há uma supressão da autonomia do negro: infantilizado tanto "positivamente" como o espontâneo, o viril ou o sexual; quanto negativamente, como o incapaz e descontrolado. É inevitável uma repressão do Id para que possa haver ego. O problema está na estrutura e nos conteúdos valorativos do par branco-negro. O negro está encaixotado. “A estrutura familiar é internalizada no superego e projetada no comportamento político [social]” (Fanon, 2020, p. 164). Não podemos concluir que o modo de desenvolvimento deste superego tem como meios construtivos os mesmos meios do branco, pós complexo de Édipo. Posteriormente, de forma mais detida, daremos conta da resolução edipiana, levando em consideração a raça.

---

<sup>1</sup> *Petit-nègre*, literalmente preto-pequeno ou pretinho, é a expressão utilizada para designar uma língua híbrida, um patoá sumário criado no mundo colonial francês, mistura da língua francesa com várias línguas africanas. O termo patoá (patois) designa os diversos dialetos regionais da França metropolitana. O crioulo (créole) é o francês, bem mais elaborado, dos territórios do Além-mar (Fanon, 2020).

Se a localização do par conceitual foi realizada, nos cabe agora a descrição do funcionamento. Para tal, Fanon e Freud se conectam pelo fator metodológico, que parte da análise do fenômeno patológico. Mayotte Capécia e Jean Veneuse são os escolhidos por Fanon para a demonstração da perspicácia dos meandros psíquicos no que tange a racialização e, principalmente, as tentativas de escape. Suas histórias revelam o impacto do processo de racialização no desenvolvimento de sintomas e no adoecimento.

## 2 Casos Capécia

Fanon, no segundo capítulo de *Peles Negra, Máscaras Brancas*, intitulado *A mulher de cor e o branco*, descreve a partir do caso de Mayotte Capécia, o processo de emulação da “brancura” em corpo negro. As anomalias afetivas derivadas de tal processo têm caráter dissociativo. Para analisar Capécia, Fanon utiliza o escrito *Je sui Martiniquaise* [Sou Martinicana]. Mayotte Capécia é o pseudônimo de Lucette Céranus-Combette e escreve a obra em caráter biográfico. Sobre a mesma, uma frase de Fanon elucida o teor da crítica a ser feita: “*Je sui Martiniquaise* é uma obra barata, que faz apologia de um comportamento doentio” (Fanon, 2020, p. 58).

Mayotte é uma mulher negra que realiza a compreensão mais caricata que encontramos na alocação do par conceitual negro/branco: ela os polariza da forma mais extremista possível, negativa o negro e positiva o branco. Fanon identifica na infância o começo das questões de Mayotte, no momento em que ela descreve que, quando criança, tentava com seu tinteiro enegrecer o mundo. Isso se mostrou ineficiente e o caminho será branquear-se de corpo e alma. O processo de tentar embranquecer não é incomum aos povos negros colonizados. No contexto martinicano, o casamento com um branco era considerado uma grande dádiva, já que representava a possibilidade de se distanciar da negrura.

Mayotte eventualmente acessa seu tão sonhado amante branco e o que pode ser constatado é que, para ela, o amante não existe em sua singularidade, ele é a encarnação acessível da brancura. Tanto que, quando é perguntado a ela sobre a beleza do indivíduo, é dito: “Tudo que sei é que ele tinha olhos azuis, cabelos loiros, pele clara e que eu o amava” (Fanon, 2020, p. 58). A partir deste contato, em que seu sonho se realiza, Mayotte dará estofos às facetas neuróticas de sua personalidade negrófoba. Vale lembrar que não há uma patologia psíquica própria ou mais característica da pessoa negra.

No relacionamento, ela aceitava tudo, contanto que tivesse a brancura perto de si. Mayotte passava longe de ser um ponto fora da curva; entre as mulheres antilhanas, a

tentativa de “fuga” para a brancura era comum. O que nos cabe entender são os impactos deste movimento e as consequentes anomalias afetivas, neuroses e, principalmente, como a psique irá negar a negrura do sujeito.

Mayotte quer de alguma forma expulsar a inferioridade que consigo carrega, engendrada na marca fenotípica, para além, ela também deve expulsar tudo que remeta à “maldição” de sua cor. Delineia-se um caso de “retração do ego”, tal mecanismo é um estágio normal no desenvolvimento do ego. A fim de evitar a dor, nega-se o suposto culpado, no caso de Mayotte, sua cor. Contudo, o caráter patológico se mostra quando o caminho da negação se torna o único caminho. “Se fixa no método de fuga, tal retirada é punida por um desenvolvimento defeituoso” (Fanon, 2020, p. 65).

O negro, se vai ao encontro do santuário branco, não pode tomar tal caminhos por meios físicos, pois a barreira se mostra intransponível, fará o caminho em sua interioridade. Todavia, para que seu desejo se faça possível, o branco tem que olhá-lo, validá-lo. Sem esse elemento, o real propósito se torna turvo. Por esse motivo, a retração do ego como inferiorização, desvalorização, diminuição do narcicismo primário, fundamental para a manutenção do ego, está impugnado ao negro, precisa da sanção branca para ser concretizado e ela não virá. Ela não virá de uma tripla maneira: não virá como simples recusa; não virá por inferiorização ou suposta insuficiência; não virá por inversão, ou seja, quando o branco estabelece um conjunto de características que constituem propriamente a negritude, sendo faltantes ou escassas nos brancos: criatividade, vitalidade, vigor, etc. Essa posituação é apenas uma das formas como o branco desempenha o papel de dar o lugar, dar a posição ao negro.

Entende-se que o negrófobo exibe uma diversidade de comportamentos em relação ao negro que em termos objetivos são distintos do comportamento negrófilo, mas na análise do pano de fundo é passível de assemelham-se, por realizarem o mesmo caminho até a manifestação do comportamento. A relação estabelecida pelo negrófobo, que conecta a raça ao sentimento de ódio, não é uma mera automatização. O processo mantenedor desta relação é dependente de constante alimentação, “o ódio não está dado, precisa ser conquistado” (Fanon, 2020, p. 68). Fanon assume que os complexos de culpa, mais ou menos conscientes são os sustentáculos da atitude odiosa em relação ao negro. Nos deteremos na questão dos complexos de culpa mais adiante.

Como dito anteriormente, o sentimento de inferioridade em relação ao branco, e o consequente processo de internalização, será o motor que levará o sujeito ao que será denominado por Fanon como “eretismo afetivo”. Segundo o autor, o negro está acorrentado à

sua inferioridade e o branco à sua superioridade “ambos se comportam em função de uma linha mestra neurótica” (Fanon, 2020, p. 74). O caráter neurótico se dá na persistência da alienação do sujeito, a todo momento ele tenta a fuga de si (indivíduo). Se protesta, por consequência está em um esconderijo, dentro de uma massa multiforme que chamamos de negritude. Caso rejeite, será tomado pela ansiedade de tentar encontrar um lugar, que não existirá. A autoincriminação ressentida e o desespero são parte do trágico desfecho que o espera. Fanon coloca em termos claríssimos o que está no subtexto da atitude do negro em relação ao branco e em relação ao próprio negro. “Reproduz quase integralmente uma constelação delirante que beira o domínio patológico” (Fanon, 2020, p. 74).

### **3 Caso Veneuse**

A complicação presente no caso de Jean Veneuse nos dá mais detalhes, pois é possível investigá-lo desde suas recordações da mais tenra idade. O romance autobiográfico de René Maran coloca foco em aspectos neuróticos reveladores. Jean Veneuse é um negro antilhano, há muito radicado em Bourdeux. Instaure-se o grande dilema: ao introjetar o arcabouço cultural europeu, estar mais confortável com galicismos que os nativos, não pode-se esperar menos do que enormes impactos no processo de subjetivação do sujeito.

Veneuse era um expoente tão genuinamente europeu de erudição, que os brancos teriam que lidar com o fato de que ele está em completa dissonância com a cristalização da ideia de negro, sendo a diferença tão visível, ela se torna inegável. Veneuse não era negro, era “excessivamente moreno”. Não compartilhava da selvageria dos autênticos negros. Logo, a ele foi dada uma dádiva, concedida a pouquíssimos: amar como um branco, acessar a mulher branca, com requintes da anuência familiar da amada. Andrée Marielle, a mulher branca, de fato amava Veneuse.

Segundo Fanon (2020), Veneuse não é um negro, nem quer ser negro e sem perceber produziu um hiato, um não lugar, a condição que ao mesmo tempo se coloca e é colocado, tornou-se irreversível. Os questionamentos a respeito das próprias intenções em relação ao amor pela branca pululam em sua mente. A história pregressa da relação (mulher branca/homem negro) o invade. Algumas são entremeadas de um sentimento vingativo orgulhoso, dos negros que desembarcavam nos portos franceses e queriam retaliar a inferioridade infligida. O domínio da européia se confunde com o domínio da europa em si. “Estou tentando secretamente me vingar de uma mulher européia por tudo o que seus ancestrais fizeram com os meus ao longo dos séculos” (Fanon, 2020, p. 84). O drama de

Veneuse é construído sobre profundas fundações. Marielle o ama, e se declara sem meias palavras, mas ele a recusa, mesmo a amando. Recusa, pois não pode ser amado. A infância deste homem desvela o caso. Órfão, teve sua educação confiada a um liceu, nas férias contemplava seus colegas saírem da triste construção e se via sozinho em um grande “liceu branco”. Sozinho ruminava na companhia de seus livros. O caráter melancólico abandonico está posto. Se sentia traído pela mãe e pela pátria, não possuía ambas.

Diríamos que é um introvertido, outros talvez dissessem delicado, mas um delicado que se arroga a possibilidade de triunfar no plano das ideias e do conhecimento. É inegável, seus colegas e amigos o têm em grande estima: “que sonhador incorrigível! É uma figura, sabe, o meu velho amigo Veneuse! Só larga de seus livros para cobrir de rabiscos o diário de viagem” (Fanon, 2020, p. 80)

Descrito como tristonho, taciturno, mas muito solícito (2020). Veneuse é um pedinte, procura no branco validação, se sente excluído das possibilidades das felicidades mundanas, quando se depara com a possibilidade, precisa de constante reiteração e mesmo assim será insuficiente. Então, não ama, para não ser abandonado. Os polos se invertem, o abandonico, abandona, pois é chamado a amar, mas não responde. Na composição clássica do quadro clínico melancólico, a insatisfação moral com o próprio Eu é destacada relativamente a outras coisas: defeitos físicos, feiúra, debilidade, inferioridade social, tal como Freud aborda em *Luto e Melancolia* (2010, p. 132). Um outro trecho da obra, também nos ajuda a compor o quadro clínico de Veneuse.

A discrepância mencionada pode ser esclarecida por meio de uma observação que não é difícil de fazer. Ouvindo com paciência as várias autoacusações de um melancólico, não conseguimos, afinal, evitar a impressão de que frequentemente as mais fortes entre elas não se adequam muito a sua própria pessoa, e sim, com pequenas modificações, a uma outra, que o doente ama, amou ou devia amar. Toda vez que examinamos o fato, essa suposição é confirmada. (Freud, 2010, p. 132)

A prova está feita, Jean Veneuse é um neurótico, por acaso é negro, usa sua cor como parte de uma estrutura justificativa, mas se essa não fosse possível, poderia criar outra. A cor, para ele, “explica” a estrutura psíquica. Colocando Veneuse em seu devido lugar, dissipa-se a tara pela cor. A experiência de René Maran (Jean Veneuse) e Lucette Céranus-Combette (Mayotte Capécia) de nada se assemelham a uma tentativa de compor uma regra geral, nos dois casos percebe-se como neuróticos se utilizam da característica fenotípica para justificar estruturas já defeituosas, formadas devido a traumas infantis. Disto, não é possível derivar que neste trauma inicial, aspectos raciais não estejam em jogo. É possível verificar nos dois casos, como a raça impactará as resoluções psíquicas, mas o fenômeno da lida íntima com a brancura deve ser analisado com especial cuidado, para que seja possível reter a investigação nos sujeitos envolvidos e identificar possíveis fenômenos patológicos.

## 4 O trauma

Falemos agora, mais detidamente, do descompasso da psique negra em relação aos esquemas freudianos pré-moldados. Se para o infante alvo o complexo de Édipo é o grande receptáculo traumático, onde a sintomatologia toma sentido, seria natural encontrar o paralelo negro desta estruturação. Caso haja a fixação na essencialidade do complexo edípiano, é importante lembrar, que existe a necessidade da estrutura familiar ser um simulacro em menor escala da estrutura da nação. A criança internaliza os processos e as camadas hierárquicas de sua residência, a figura castradora terá seu correlato nas autoridades estatais. Claramente, isso se torna exótico aos grupos que percebem no Estado a figura do carrasco assumido, os colonizados podem ser atravessados por um outro trauma genético. É válido dizer que o processo edípiano não está impugnado ao negro, para nós, deve-se atentar a flexibilidade da estrutura edípiana, os termos da equação podem mudar, mas suas posições ou papéis tendem a ser mantidos. Se assumimos a estrutura topológica, por consequência, assumimos os processos basais das manifestações neuróticas. Contudo, operá-las-emos com mais sensibilidade do que Fanon. O texto *Peles Negras Máscaras Brancas*, tem sua primeira publicação em 1952. O posterior desenvolvimento da etnopsicologia nos mostra que talvez o autor tenha tomado por verdades questões que iriam para além de seu alcance analítico. A afirmação: “nas antilhas francesas, 97% das famílias são incapazes de gerar uma neurose edípiana. Incapacidade digna de louvor” (Fanon, 2020, p. 167), carece de provas antropológicas consistentes. Afirmamos que há outro trauma genético, este também dará estofamento às posteriores neuroses do negro. Por trauma genético, entenda a descrição freudiana, que combina a predisposição psíquica (constitutiva) e as vivências infantis acidentais no período da primeira infância. “Todos os fatores prejudiciais ao desenvolvimento sexual manifestam seus efeitos produzindo uma regressão, um retorno a uma fase anterior de desenvolvimento” (Freud, 2016, p. 168)

Na mais tenra infância, o negro será apresentado ao mundo branco; sem que tenha ciência, se alimentará da branquidão européia presente nas cantigas, nos gibis, nos livros de aventura. Fanon recorre ao conceito de *catarse coletiva* para descrever o processo traumático de infantes nas Antilhas. As coletividades organizam formas de dissipação energética (libido), que têm o papel de controle da agressividade, com intuito de direcionar para os objetos “adequados”. Os gibis e livros ficcionais de aventuras, são parte deste tipo específico de direcionamento libidinal. Nessas obras, quando delinea-se bem e mal, herói e vilão,

aventureiros e selvagens, coloca-se claramente os termos da identificação e da ambivalência, identifica-se com bem, herói e aventureiro, logo, promove a ambivalência com mal, vilão e selvagem. Identifica-se com o branco. O sujeito negro sentirá um duro golpe, quando perceber que é dele que se está falando. Isso só se dará no confronto corpo a corpo com o branco. Na lida íntima com o mundo branco que o ego negro será posto à prova. Segundo Fanon, caso a estrutura psíquica mostre-se fragilizada perante esta novidade, o que pode ser testemunhado é o colapso do ego. (2020, p. 169)

O caráter fóbigeno e ansiógeno do objeto negro deve ser melhor explicado. Afinal, o branco demonstra uma atitude, indubitavelmente, neurótica em relação ao negro, quando é exposto aos medos que transbordam da pele escura. O indivíduo fóbico opera com esquemas pré-lógicos nos campos intelectual e afetivo, o objeto deve despertar medo e repulsa. Charles Odier determina que toda ansiedade é consequência de uma insegurança subjetiva com relação à ausência da mãe, e tende a ocorrer por volta do segundo ano de vida da criança (2020, p. 169). A escolha do objeto fóbico é determinada por uma multiplicidade de fatores, ele terá provocado grande furor afetivo e estará presente de forma mais ou menos consciente “no substrato que alicerça o mundo do sujeito” (Fanon, 2020, p. 169), como está posto no caso Veneuse. Ao colocar Fanon e Sartre lado a lado, essa questão é clarificada.

Quando o fóbico encontra o negro, ele se vê em um banquete, se serve das maiores estripulias imagináveis para dar materialidade aos seus medos e ansiedades. A relação feita por Fanon elucida o caso. O antissemitismo nos indica o que de distinto se encontra em relação ao negrófobo. O judeu amedronta pela possibilidade de ocupação e o poderio financeiro e político. Já o negro amedronta por sua infinita potência sexual, tudo se desenrola no plano genital. O branco, tendo acoplado ao negro a estigmatização da selvageria, do biológico, do viril, se colocou na situação de inferioridade sexual. A contrapartida vingativa elucida a posição do branco, se o judeu é esterelizado para por fim a estirpe, o negro é castrado, a presença genital prevalece, a destruição do pênis simboliza a negação. Ademais, o negro é imaginado como a manifestação nostálgica das capacidades e possibilidades do branco pré-civilizado, “nostalgia irracional de épocas extraordinárias de desregramento sexual, espetáculos orgíacos, estupros impunes, incestos irrefreados” (Fanon, 2020, p. 178). O complexo de culpa, citado no caso Capécia, se relaciona com a perversão negrófoba, na medida em que existe a suposição inconsciente de que o paraíso do ego está na perversão, em que o componente narcísico prepondera. O objeto é facilmente substituível. No caso dos não perversos, como a meta é mais dificilmente substituível, faz-se necessário encontrar um objeto contra o qual o superego não lance tão fortemente suas repreensões. Por outro lado, o

negro pode ser projetado como o perverso que o branco não consegue ser, por isso também o ódio e o medo. A culpa inconsciente pela perversão é projetada no outro, naquele que tem um traço visível e culturalmente destacado de não ser igual a mim, como um não-eu. Tanto judeus quanto negros, no fundo, são postos no lugar do grande sedutor. O judeu seduz pela riqueza e pela trapaça, o negro seduz pela sexualidade, pela força. O neurótico se coloca na posição de vítima, da culpa ser de um outro. Deixemos claro que o negro não possui nenhum aspecto sexual extraordinário, a frutífera imaginação branca lhes imputou poderes sexuais incríveis.

### **Considerações Finais**

O negro está preso em meio a uma dualidade subjetiva neurótica: é ao mesmo tempo receptáculo do pecado, por estar apartado de qualquer moralidade, é vil, encarna o mal, é odiado e se odeia. Por outro lado, é tratado como a criança do mundo civilizado, infantilizado pelo branco. Os termos que o encobre serão responsáveis por uma solução doentia, capturados na armadilha da reificação. O drama racial se desenrola em um *ballet* coreografado pela psique. Ao introjetar a ideia de negro, tanto no branco quanto no negro, o fará escorada em estruturas pré-existentes. As neuroses que tem na raça o objeto privilegiado, como qualquer neurose, é consequência do conflito entre o Eu e o Id (Freud, 2011, p. 159), as distintas apreensões do par conceitual assimétrico (negro/branco) devem ser verificadas levando em conta a particularidades do arranjo psíquico já sedimentado. Pelo que foi analisado, em maior ou menor medida, a tendência ao maniqueísmo não rende bons resultados. Com a demonstração do complexo de racialização, é possível analisar, de forma mais aprofundada, como as interações entre as partes do par impactam no processo de subjetivação. Para além, mostrar o patológico nos casos supracitados possibilita uma maior compreensão sobre os resultados da lida com o mundo branco e ajudam a mapear como o perverso e o neurótico se utilizam da estrutura de racialização.

### **Referências**

BASTIDE, Roger; DE MOURA, Carlos Eugênio Marcondes. **O sonho, o transe e a loucura**. Três Estrelas, 2016.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. **A prece de Frantz Fanon: oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!**. Civitas-Revista de Ciências Sociais, v. 16, p. 504-521, 2016.

CARVALHO, João Rafael Chió Serra. **Identidade e alteridade em Frantz Fanon**. Sankofa (São Paulo), v. 13, n. 24, p. 115-133, 2020.

DEVEREUX, George. **A etnopsiquiatria**. *Análise Psicológica*, v. 4, n. 1, p. 521-525, 1981.

FANON, Frantz. **Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos**. Ubu Editora, 2020.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. UBU editora, São Paulo, 2020

FAUSTINO (NKOSI), D. **O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo**. in: *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher / organização Eva Alterman Blay*. – 1. ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. Pp. 75

FAUSTINO, Deivison Mendes. **A emoção é negra, a razão é helênica? Considerações fanonianas sobre a (des) universalização do “ser” negro**. *Revista Tecnologia e Sociedade*, v. 9, n. 18, 2013.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Frantz Fanon:: capitalismo, racismo e a sociogênese do colonialismo**. *Ser Social*, v. 20, n. 42, p. 148-163, 2018.

FREUD, Sigmund. **Freud (1901-1905)-Obras completas volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("o caso dora") e outros textos**. Editora Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. **Freud (1909-1910)-Obras completas volume 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"] Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e Outros Textos**. Editora Companhia das Letras, 2013.

FREUD, Sigmund. **Freud (1912-1914)-Obras completas volume 11: Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos**. Editora Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. **Freud (1914-1916) - Obras completas volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. Editora Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Freud (1920-1923) - Obras completas volume 15: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos**. Editora Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Freud (1923-1925)-Obras completas volume 16: O Eu e o Id," Autobiografia" e outros textos**. Editora Companhia das Letras, 2011.

GRINBERG, León. Roheim, Geza: **Magic and Schizophrenia (Magia y Esquizofrenia)**. International Universities Press, Inc. New York, 1955, 230 págs. *Revista de psicoanálisis*, v. 13, n. 1, 1956.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Editora Cosac Naify, 2015.

MARTINS-BORGES, Lucienne et al. **Inflexões epistemológicas: a Etnopsiquiatria**. Fractal: revista de psicologia, v. 31, p. 249-255, 2019

MAUSS, Marcel. **As técnicas do corpo**. Casac Naify, 2003.

ROSA, Miriam Debieux, et al. A condição errante do desejo: os **imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política**. Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental 12 (2009): 497-511.

STURM, Gesine; NADIG, Maya; MORO, Marie Rose. **Current developments in French ethnopsychanalysis. Transcultural Psychiatry**, v. 48, n. 3, p. 205-227, 2011.

VOLKAN, Vamik D. **Psychoanalytic thoughts on the European refugee crisis and the other**. The Psychoanalytic Review, v. 104, n. 6, p. 661-685, 2017.

WEISSMANN, Lisette. **Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade**. Construção psicopedagógica, v. 26, n. 27, p. 21-36, 2018.

WINOGRAD, Monah. **Genealogia do sujeito freudiano**. In: Genealogia do sujeito freudiano. 1998.